

Imagistas Nephelibatas

ANATOLE Baju, no seu opusculo publicado em 1887 sob o titulo *L'École Décadente*, expôz os principios da sua esthética reformadora nas seguintes palavras:

«A literatura decadente synthetisa o espirito duma época, isto é, o da elite intellectual da sociedade moderna. Quando se trata



de Arte não se faz entrar em conta a multidão porque ella não pensa, é apenas numerica. O alto publico intellectual, o unico que deve ser estimado e cujos suffragios constituem consagrações, esse, está farto de todas as emoções ficticias, dessas grosseiras excitações, dessas convenções banaes dum mundo imaginario que as ultimas literaturas puzeram em obras para a estimulação dos seus sentidos.

«Elle está cansado da farragem romantica e naturalista, que fascina algumas vezes a imaginação, mas é impotente para corrigir o engorgitamento do coração.

«O que elle deseja é a vida; está sequioso desta vida intensa tal como o progresso a fez, sente a necessidade de se saciar della, quer condensar uma porção de existencias humanas numa só, na sua propria, e lhes extrahir o succo, vibrar com todos os seus extremecimentos. Por uma contradição bizarra, mas, por isso mesmo, explicando o effeito do desespero, a necessidade de viver é a caracteristica desta época que parece ter adquirido a sombria e aterrorisante certeza do Nada.

«A literatura decadente propõe-se a reflectir a imagem desse mundo spleenetic. Ella não aproveita senão o que interessa á vida. Nada de descripções, porque suppõe tudo conhecido. Apenas uma synthese rapida dando a impressão do objecto. Em vez de pintar faz

sentir; procura dar a sensação das cousas, seja por construcções novas, seja por symbolos evocando a intensidade pela comparativa. In summa, tudo para ella resume-se em: synthese da materia e analyse do coração.

Isto, que não é transcripto para desafiar argumentos, escrevia o fundador da revista *Décadente*, de Pariz, no declinio do seculo XIX, e nessa mesma cidade, por esse mesmo tempo, com a pequena differença de uns annos a mais, em 1889, o poeta Georges Vanor, tambem num opusculo intitulado *L'Art Symboliste*, expunha:

«Inscrever um dogma num symbolo, escolher no vocabulario os termos raros e preciosos, construir um estylo superior e composito, traduzir as sensações pela musica das syllabas, vincular estreitamente o rythmo á idéa e repellir toda a descripção para procurar toda a musica, taes são os principaes preceitos do seu catechismo.»

Decadentes e symbolistas assim definiam as suas esthéticas, particularmente restringidas ao verso. Em pouco tempo, porem, e como a prosa viesse se adaptando aos modos das novas escolas, esses rigores adoçaram-se, e em muito pouco tempo, as duas escolas innovadoras, que se combatiam para a conquista da supremacia, fundiram-se quasi insensivelmente,



lão de accordo estavam em seus principios! O symbolismo abrangeu todos os grupos de poetas e escriptores novos ampliando preceitos, tornando-se, a ibem dizer, a escola dos apaixonados da *écriture artistique* que preoccupou os Goncourts ou, como disse Gustave Kahn, *d'écriture expressive et de forme nouvelle*.

Compreende-se que as artes do desenho, especialmente a pintura, não poderiam permanecer alheias a essa influencia. Desde que o symbolismo, sob suas varias formas e maneiras, se manifestou com maior vigor, o desenho procurou objectivar pela imagem as suas creações. Mas, a tentativa foi difficil. Ao principio, a esthetica symbolista, por tender a abstracção, não offerencia vantagens á forma figurada, ao relevo material das representações desenhadas. Um artista de genio apprehendera-lhe a intenção, esse artista foi o belga Felicien Ropps. Não obstante, Ropps era lugubre e lubrico, a sua arte trazia a perturbação allucinadora dum riso glacial de caveira na ardente bocca duma mulher lindissima. Era uma arte de ironia e lascivia, donde, por vezes, irrompiam risadas doudas de coruja sortilega. Acompanhal-a, imital-a, seria perigoso. Ropps possuía o saber do desenho, manejava a lytographia com pericia e era uma natureza á parte, inimitavel na sua complexidade.

Então, os imagistas propenderam para os typos, entraram a compôr uma determinada figura, que tivesse a forma idealisada duma mulher nem romantica nem *realista*, forma ligeira, quasi vaga, de lyrio heraldico, de angelica decorativa. Vieram as simplificações tenazes, os rebuscamentos exhaustivos da originalidade. E o esforço esteve longamente parado nesse objectivo. Por pouco que não calhiu num esgotamento desastroso. Não carreguemos, porem, tanto a culpa aos desenhistas. O erro nasceu da confusão dos principios restrictos. A necessidade dum dogma num symbolo—era uma expressão obscura, estonteou os mais atilados dos escriptores e com mais razão embaraçava os desenhistas. Surgiram os exaggeros literarios, e de tal sorte petulantes, que se confundiam com o desvario. Houve suspeita de que esses moços tinham endoudecido. O publico afastou-se desconfiado, aturdido com essa criação torturada e mysteriosa; a Critica entesou as oíças e riu-se, e foi desse riso que surdiu o sarcasmo do *Nephelibatismo*.

Que era isto?

Ninguém o sabia nem mesmo para contentar a curiosidade compulsava-se a encyclopedia Larousse, o dictionario d'Academia! Exquisito, estranho, inedito, este termo valia por uma troça, síflava e demolia. Era um cartuxo d'alvaiade. Verdadeiramente não offendia, por que, por sua composição grega, queria dizer habitante das nuvens e na sua applicação—pensamento inaccessible ao commum dos homens, transcendentalismo. Mas, empregado sem o conhecimento do seu valor, é tão ridiculo como nma carapuça de jornal velho.

Assim caracterizados por este desprezo, não faltou quem os julgasse degenerescentes, e logo sob tal aspecto os estudasse. O sr. Max Nordau

foi dos primeiros a praticar essa analyse. É interessante o que a respeito nos conta o sr. Adolphe Retté num livro que ainda se não pôde dizer velho:

«Por esse tempo, — informa o sr. Retté— M. Max Nordau percorria Pariz em busca de documentos para o seu estranho volumação das *Degenerescencias*. Nordau seguia as pégadas do seu mestre Lombroso, descobrindo em tudo symptomaz de deliquescencia social e, como espirituosamente disse M. Clémenceau —distribuindo diplomas de degenerado a todos os que não pensavam como elle..»

«Afim de observar de perto os symbolistas, Nordau fez-se frequentador assiduo do *Café Francisco I*, no boulevard Saint-Michel, onde nos reuniamos algumas vezes para conversar sobre arte e literatura.

«Elle tomava logar o mais proximo possivel da nossa mesa, e ingerindo cópos de absinthio notava o que diziamos. Ao cabo de certo tempo reparamos nesse auditor hisurto que, aguçando o ouvido, nos lançava olhares surraiteiros... Então, um de nós tratou de tomar informações a respeito d'elle, e veio a saber que o sr. Nordau se preparava para nos fixar, sob a rubrica—Nevropathia—no capitulo de um dos seus livros em preparo.

«Desde esse momento decidimo-nos fornecer-lhe os mais terriveis documentos sobre a nossa individualidade. Um dizia-se adepto dos costumes contra a natureza e celebrava as bellezas do amor unisexual; outro apresentava-se como sectario dos *paraizos artificiaes* e absorvia, ostensivamente, bolinhas de miôlo de pão que fazia passar por pilulas de opio ou de haschich... Enfim, nós todos pronunciavamos os mais audaciosos discursos sobre religião, sociologia e moral. Nordau exultava, registrava o que ouvia, com jubilosa actividade. E assim foi composta a parte da *Degenerescencia* que se occupa dos symbolistas.»

A informação do sr. Retté tambem pôde ser uma opportuna pilheria, que isso está bem no excellent humor francez; mas, innegavelmente, houve da parte do sr. Nordau certa precipitação nas suas conclusões.

No desenho e na pintura, em grande parte, a singularidade de taes composições proveio da desregrada interpretação da obra extraordinaria de Burne-Jones, desse admiravel artista de quem se disse ser de *imagination all compact*, e não menos da originalidade violentadora de Franz Stuck. Por outra parte, sem duvida na mesma proporção, o que influio para essa extravagancia foi a preocupação do reclame, o desejo de se fazer conhecido ainda que a custa do escandalo.

Para ser phenomeno da degenerescencia, como orientado pelo exclusivismo scientifico

de Lombroso admittiu Nordau com relação aos literatos, (que estavam nas mesmíssimas condições) seria preciso que uma serie de actos equivalentes se correspondesse na vida desses artistas, com a qual poder-se-ia determinar a identificação morbida. Mas, assim não era. Muitos desses compositores de mexordias symbolicas não tinham a responsabilidade dos annos, á outros faltavam estudos serios em cursos preparatorios do desenho. Moços e canhiêstros, isso, sim, eram elles. Basta-nos attender ás duas estampas que illustram esta noticia. Na lo sr. Luciano Affonso Daudet, que tem o pomposo e perturbante titulo — *le jour de la grande Colère* — vêr-se-á uma mistura apocolyptica de fantasmas, de tumbas destampadas, de astros desgravitados e... de coisas que ninguem saberá dizer o que sejam, tal o enorme disco perfurado que parece um cartão de tiro ao alvo. E' visivelmente uma combinação de symbolos, mas, a qual a esquerdice do desenhista não soube ou não poude dar uma unidade compositiva e muito menos precisar-lhe as formas.

O snr. Jean Jacques des Valeurs apresenta-se ainda mais complicado, mais obscuro na sua composição que, notada em tres posições differentes, mostra tres assumptos diversos, cada

qual dum symbolismo desesperador, capaz de ensandecer o proprio San Peladan se o quizesse destrincar com o requintado saber da sua exegése.

Mas, a tenra idade do snr. Luciano e a sua incultura artistica, como a mocidade do snr. Jean Jacques, passada no alegre meio da bohemia de München, contrariam opiniões temerarias que se levantem sobre a sanidade mental de ambos. A persistencia no defeito é que denuncia o desequilibrio. Hoje, esses dois espanta-gente, perderam-se no commum fastio da vida.

Pondo de parte o esforço das tentativas, esforço que triumphou mais tarde com a fixação e clareza da nova esthética, essa arte foi simplesmente uma inoffensiva mystificação á gravidade cabeçuda do farto burguez e aos *solidos principios* esfarripados da Critica de palanque. O que ella fez fizeram o romantismo, a escola naturalista e esse muito combatido grupo dos impressionistas.

Chamemol-a *nephelibata*, mas com um suave sorriso que não humilhe nem hostilise.

Maio de 1906.

GONZAGA DUQUE.

